

**FORTUNA DE DANTE: DUAS NOVELAS DE  
FRANCO SACCHETTI**

**Fortuna di Dante: due novelle di Franco Sacchetti  
Dante's Fortune: two tales by Franco Sacchetti**

**PEDRO FALLEIROS HEISE\***

\*Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
Pedro.fh@usp.br – (ORCID: 0000-0001-6640-6992)



Quando Dante morreu, em 1321, a *Comédia* já estava amplamente difundida na península itálica, conforme atestam não só as centenas de manuscritos com cópias do poema, o que contribuiu para o complexo e problemático estabelecimento do texto, como também algumas anedotas que começaram a circular a respeito do poeta. Boccaccio, por exemplo, na *Vida de Dante* relata uma delas, com a sólita maestria de narrador (BOCCACCIO, 2021, p. 62):

(113) Por isso, aconteceu uma vez em Verona, estando já divulgada em todo o mundo a fama de suas obras, sobretudo a parte de sua *Comédia* que ele intitulou *Inferno*, conhecido por muitos homens e mulheres, que, passando ele diante de uma porta onde algumas mulheres estavam sentadas, uma delas disse às outras bem baixinho, mas não tanto que Dante e quem estivesse com ele não pudessem ouvir: “Mulheres, vedes aquele que vai ao inferno e volta quando quer, e traz aqui para cima as novas dos que lá embaixo estão?”. Ao que uma outra respondeu com singeleza: “Realmente, deve ser verdade o que dizes: não vês como ele tem a barba crespa e a cor morena por causa do calor e da fumaça que há lá embaixo?”. Ouvindo dizer estas palavras atrás de si, e percebendo que da crença pura daquelas mulheres provinham, o que lhe agradou, e quase contente que elas fossem de tal opinião, sorrindo um tanto, seguiu adiante.

Neste trecho vemos um Dante que sorri, o que não é comum, seja na *Comédia*, seja em suas outras obras.<sup>1</sup> Mas Boccaccio, alguns parágrafos mais adiante, narra outro episódio de encontro entre o poeta e mulheres e crianças, e o que se destaca é o ânimo acirrado do poeta, principalmente em matéria de política (p. 77):

(170) [...]; e aquilo que mais me envergonha em serviço à sua memória é que na Romanha é coisa conhecidíssima que qualquer mulher, qualquer criança que falasse de política e fosse contrária aos gibelinos tê-lo-ia levado a tanta loucura, a ponto de fazer com que ele atirasse pedras, se não se calassem. E com esta animosidade viveu até a morte.

A biografia escrita por Boccaccio contempla vários outros aspectos da vida de Dante, como sua aparência, estatura, apetites etc. etc., e por isso merece ser lida na íntegra. O que gostaríamos de ressaltar com as passagens citadas é o caráter soberbo do poeta, seja desprezando a “opinião” das mulheres em Verona, seja atirando pedras em outras mulheres e crianças a torto e a direito.

Passemos agora a outro prosador contemporâneo do poeta. Giovanni Vilani (c. 1280-1348), o maior cronista da história de Florença naquele período, comenta em brevíssimo espaço a morte de Dante ao descrever o ano de 1321 e cita algumas de suas obras (*Vida nova*, *Comédia*, *Monarquia* e *Sobre a eloquência do vulgar*), concluindo o seguinte (VILLANI, 1904, p. 4):

---

<sup>1</sup> Ver, a respeito do riso de Dante, HEISE, P. F. Tytore, quid mopsus? – Dante e a retomada do gênero bucólico: uma leitura da primeira égloga dantesca. *Agorá. Estudos Clássicos em Debate*, n. 22, 2020, p. 129-149.

Este Dante, por seu saber, foi um tanto presunçoso e esquivo e desdenhoso, e como que à guisa de filósofo malcriado não sabia conversar bem com os leigos; mas por causa de suas outras virtudes e conhecimento e valor de tamanho cidadão, parece que é necessário dar-lhe memória perpétua nesta nossa crônica, embora as nobres obras que nos deixou em matéria de escrita façam dele verdadeira testemunha e honrável fama para a nossa cidade.<sup>2</sup>

Não parece ser muito diferente a imagem que outro narrador, da geração seguinte à de Boccaccio, nos legou: Franco Sacchetti. Nascido em Dubrovnik, na atual Croácia (à época domínio veneziano), entre 1332 e 1334, de família florentina, cidade onde passou a maior parte de sua vida, foi mercante e embaixador, tendo vivido em vários lugares, o que lhe rendeu uma vasta experiência de relação com os homens. Imbuído da fervilhante cultura florentina do século XIV, consta que sua primeira composição foi um poema em oitavas (esquema métrico inaugurado por Boccaccio na *Teseida*), *Battaglia delle belle donne di Firenze con le vecchie* (“Batalha das belas mulheres de Florença com as velhas”), de caráter jocoso, como o próprio título revela.

Iniciou, por volta de 1363, um livro de poesias (*Libro delle rime*), que contém poemas que retratam o declínio econômico e moral em que se encontrava Florença no final do século XV. A existência dessa queda da cultura pode ser vista nas *canzoni* escritas por ocasião da morte das últimas duas “coroas” da literatura italiana, Petrarca e Boccaccio, com os quais, segundo Sacchetti, toda a poesia acabava. De outro tom são as poesias para música que compôs. Mas, as variadas crises de que participou, tanto públicas como pessoais, fizeram com que o autor se voltasse mais para o “moralismo conservador e piedade tradicional”, um processo, precisa Contini, “de progressivo acomodamento social” (CONTINI, 2006, p. 821), e, em 1381, compôs as *Sposizioni dei Vangeli* (“Exposições sobre os Evangelhos”), apontamentos e notas de meditações íntimas de cunho moralizante.

Por fim, em 1392 começou sua obra maior: *Il trecentonovelle* (“O trezentas novelas”), que, a julgar pelo título, deveria conter trezentas novelas, mas, provavelmente em função da morte do autor, em 1400, não chegou inteira e conta, nas edições modernas, com duzentas e vinte e oito, além de um próêmio, também fragmentado. A obra não teve muita repercussão, por um lado porque o século que se abria com a morte de Sacchetti privilegiaria a cultura clássica latina, o Humanismo (com efeito, durante o século XV a língua mais usada pelos escritores italianos foi o latim); por outro, porque o período que se encerra havia gerado os três maiores poetas da península itálica: Dante, Petrarca e Boccaccio, cuja fortuna acabou ofuscando outros poetas da época. Apenas no século XVI o *Trecentonovelle* teve sua primeira edição, graças ao trabalho do filólogo Vincenzo Borghini. Depois disso, somente no século XVIII voltou a ser impresso, mas edições fiéis da cópia de Borghini só vieram no século passado.<sup>3</sup>

2 As traduções são de nossa responsabilidade, com exceção dos trechos do Inferno citados, que pertencem à tradução de Emanuel França de Brito, Maurício Santana Dias e Pedro Falleiros Heise (ALIGHIERI, 2021).

3 Cf. Puccini, 2008, pp. 42-52.

Durante o Romantismo o *Trecentonovelle* foi retomado devido ao gosto dos românticos pelo popular, o que fez com que a obra passasse a ser supervalorizada, e talvez por isso mesmo no final do século XIX Francesco De Sanctis tenha criticado severamente a arte de Sacchetti. Já no século passado o filósofo Benedetto Croce reconsiderou a obra reconhecendo novamente o caráter popular e simpático de Sacchetti. Hoje em dia, estas duas correntes de julgamento a respeito da obra sacchettiana parecem continuar a existir, embora alguns críticos tenham superado a barreira dos simplistas “é bom” ou “é ruim”, como é o caso do organizador do *Trecentonovelle* para a editora turinense UTET, Davide Puccini, para quem Sacchetti é “um escritor que se mimetiza na própria realidade em que se movem e falam seus personagens” (PUCCINI, in SACCHETTI, 2008, p. 20).

O título remete ao *Decameron*, o qual, por sua vez, alude aos dez dias em que dez personagens, fugindo da peste em Florença no século XIV, contam cada um uma história por dia, formando um total de cem novelas, como também ficou conhecida a obra de Boccaccio: o “Livro das Cem Novelas”. Desde o título, portanto, Sacchetti se insere na tradição iniciada pelo poeta de Fiammetta. No próêmio declara abertamente seu modelo primeiro (SACCHETTI, 2008, p. 63-64):

[1] Considerando o tempo presente e a condição da vida humana, a qual com pestilentas enfermidades e com misteriosas mortes é amiúde visitada; e vendo quanta destruição com tantas guerras civis e externas continua nela; e pensando quantos povos e famílias por isso foram reduzidas à pobreza e infeliz estado e com quanto suor amargo precisam suportar a miséria, quando percebem que sua vida já passou; e ainda imaginando como as pessoas têm desejo de ouvir coisas novas, e especialmente daquelas leituras que são fáceis de se entender, e maximamente quando dão consolo, pelo qual entre muitas dores se misturem algumas risadas; [2] e olhando, por fim, o excelente poeta florentino senhor Giovanni Boccaccio, o qual ainda que escrevendo o livro das Cem Novelas como coisa rude em comparação com seu nobre engenho, mesmo assim é divulgado e solicitado tanto, que até na França e na Inglaterra o passaram para suas línguas, e grand<...>so; eu, Franco Sacchetti, florentino, como homem inculto e bronco, me dispus a escrever a presente obra e recolher todas aquelas novelas, as quais, tanto antigas quanto modernas, aconteceram de diversas maneiras através do tempo e outras ainda que eu vi e a que fui presente e algumas daquelas que a mim mesmo sucederam.

Sacchetti, portanto, se filia explicitamente à recém-fundada prosa boccacciana. Além disso, o trecho citado ilustra ainda a difusão da obra-prima de Boccaccio ao citar traduções para o francês e o inglês. Levando em consideração o que Sacchetti expõe, vários críticos se debruçaram sobre as relações entre uma e outra obra. De acordo com Giorgio Inglese, por exemplo, o confronto entre o *Trecentonovelle* e o *Decameron*, se se mostra fraco e inútil no plano estético, se faz obrigatório no plano estrutural, mesmo porque o próprio Sacchetti institui no próêmio uma relação entre ele e Boccaccio. Mas a comparação para por aí, pois a obra de Sacchetti não possui uma *cornice* (a “moldura”, que no caso do *Decameron* é o grupo dos jovens que se refugia da peste de 1348 no interior da Toscana), não há divisão na obra (na de Boccaccio há os dez dias) e somente às vezes uma novela é ligada a outra por meio de personagens que se

repetem, como é o caso das duas apresentadas aqui, das quais Dante é o protagonista (no início da segunda novela aqui traduzida, o autor explicita o conectivo entre a precedente e ela). Ademais, muitas novelas acabam com uma “moral”, que, nas palavras de Inglese, “torna explícita a tensão sacchettiana entre o gosto pela experiência – principalmente experiência do contínuo confrontar-se entre engenho e estultice – e a reflexão sobre o sentido de viver, obscurecida pela época senil” (INGLESE, 2006, p. 335). Isto não quer dizer, contudo, que a obra de Sacchetti não tenha uma unidade. Segundo Brioschi e Di Girolamo, “Se o *Decameron* constituía um tapete de Arrás por seu modo unitário de organizar a variedade narrativa, o *Trecentonovelle* será, ao contrário, um mosaico no qual pedaços formal e conteudisticamente desiguais entre eles encontrarão seu amálgama” (BRIOSCHI e GIROLAMO, 2002, p. 668).

Com alguma frequência o *Trecentonovelle* também foi criticado por seu estilo “rude”, coisa que, aliás, o próprio autor declara no próêmio, conforme vimos, e que se insere na tópica da falsa modéstia, retórica da qual seu mestre, Boccaccio, havia lançado mão em algumas de suas obras. Mario Pazzaglia traça um juízo crítico que explica de maneira clara o motivo da simplicidade do estilo sacchettiano (1979, p. 770-771):

Aquela realidade dinâmica e em contínuo movimento é expressa pelo autor com um estilo roto e quebrado, aderente à vivacidade e imediatez da linguagem falada, atento a captar o dito rápido e a mímica cambiante do bando multicolorido, de modo que amiúde a novela parece a transcrição instantânea de uma história oral. Por isso a sintaxe é elementar, o periodizar rápido e breve, para melhor captar o ritmo da vida, seu desenrolar rápido e às vezes tumultoso.

Fica claro, assim, que Sacchetti procurava mimetizar a fala de seus personagens. Salinari e Ricci (1994, p. 403) sugerem que parte deste estilo esteja relacionada às experiências fundamentais do prosador, a saber, a psicológica, alimentada pelo contato com as pessoas e as coisas de Florença, e a literária, associada à “técnica da língua falada, da expressão realista, da observação detalhada, da representação vivaz e imediata a que Sacchetti permanecerá ligado também nas *Novelas* e que não lhe permitirá ir além do quadrinho vivaz e do esboço bem acabado”.

Com base no que foi dito, é possível asseverar que a narrativa de Sacchetti é de cunho, portanto, caricatural, conforme indica Cesare Segre (1976, p. 354, grifo nosso): “Mimese e fator rítmico são em Sacchetti dois modos de estilização, dois meios de *caricatura*, e se revelam, por fim, como dois aspectos de um mesmo objeto”.

As duas novelas escolhidas para apresentar ao público de língua portuguesa (até onde se sabe inéditas) ilustram perfeitamente o que os críticos acima mencionados afirmam a respeito da prosa de Sacchetti. Cumpre informar que, embora Dante seja mencionado em outras, foram justamente essas duas selecionadas por serem as únicas que o têm como personagem principal. Nelas será possível ver a grande contribuição para a construção da imagem do poeta áspero e intratável, além de perceber a ampla difusão da *Comédia* ainda em vida de seu autor, poema que era cantado pelo povo, mesmo que de maneira “distorcida”.

Outro aspecto de relevo concerne à publicação da *Comédia*, pois as duas novelas se passam em Florença, ou seja, antes ainda do exílio, e em ambas os personagens com quem o poeta interage estão cantando “o Dante” (*il Dante*), quer dizer, cantavam alguma poesia dele, mas, para ser assim tão difundida, a ponto de um ferreiro e um arrieiro a cantarem, com toda probabilidade se trata de sua obra máxima. Isto traz problemas quanto à data de início de composição do poema e reforça a anedota contada por Boccaccio na sua já citada *Vida de Dante*.

Lá o autor do *Decameron* narra que Dante, em 1301, após uma embaixada ao papa em Roma que tinha o intuito de convencer o pontífice a não intervir na política florentina, não pôde mais retornar a Florença, não pôde mais retornar a Florença. Tempos depois, algum conhecido do poeta foi a sua casa procurar uns documentos, no meio dos quais encontrou os “mencionados sete cantos compostos por Dante, os quais leu com admiração, sem saber o que eram, e, agradando-lhe demais e retirando-os com astúcia de onde estavam, levou-os a um nosso cidadão, cujo nome era Dino do senhor Lambertuccio, naqueles tempos famosíssimo autor de poesias em Florença, e lhos mostrou” (BOCCACCIO, 2021, p. 80). Este tal Dino enviou os sete cantos a Dante, que se encontrava junto ao marquês Morruello Malaspina, no norte da Itália, que o incentivou a dar continuidade àquela obra já então magnífica, ao que o poeta responde (p. 81):

– Eu acreditava tê-los perdido na ruína de minhas coisas com muitos outros livros meus, e por isso, tanto por acreditar nisso quanto pela grande quantidade das outras fadigas que sobrevieram por causa de meu exílio, havia abandonado totalmente a alta fantasia tomada para esta obra; mas, já que a Fortuna inopinadamente os colocou diante de mim, e já que lhe agrada, procurarei fazer voltar à minha memória o primeiro propósito, e procederei segundo a graça que me for dada. – E recuperada, não sem fadiga, depois de tanto tempo, a abandonada fantasia, continuou:

*Io dico, seguitando, ch'assai prima etc.*; <sup>4</sup>

onde assaz claramente, para quem bem observa, pode reconhecer a retomada da obra interrompida.

O leitor notará também a diferença de tratamento dado por Dante em relação aos personagens que comentam sua obra: em Boccaccio, o poeta considera que a opinião sobre suas idas e vindas ao inferno era motivo de graça, uma vez que provinha de mulheres; nas de Sacchetti, ao contrário, são homens que, enquanto trabalham, cantam o poema de Dante, mas o fazem de um modo que, segundo o próprio poeta, não era como ele o havia composto. Isso parece demonstrar, no *Trecentonovelle*, que o do poeta era um ofício, tal como o do arrieiro ou do ferreiro, ou seja, é como se Dante estivesse reivindicando o *status* de profissão para o fazedor de versos, defesa que será amplamente desenvolvida por Boccaccio, sobretudo nas obras do período pós-decameroniano, dentre as quais o já citado *Vida de Dante*.

4 <sup>55</sup> Inf., VIII 1 (ALIGHIERI, 2021, p. 133-135): “Eu digo, prosseguindo, que antes mesmo etc.”

Além disso, vemos na primeira das novelas aqui apresentadas um pouco dos bastidores da vida florentina, pois narra um desentendimento entre Dante e um membro dos Adimari, família de um célebre personagem da *Comédia*, Filippo Argenti, o qual surge numa passagem que, curiosamente, mais uma vez corrobora a imagem do poeta austero, intratável, quando não vingativo. A veemência do poeta e tamanha, que vale a pena reproduzir os versos aqui:

E io: “Maestro, molto sarei vago  
di vederlo attuffare in questa broda  
prima che noi uscissimo del lago”. 54

Ed elli a me: “Avante che la proda  
ti si lasci veder, tu sarai sazio:  
di tal disio convien che tu goda”. 57

Dopo ciò poco vid’io quello strazio  
far di costui a le fangose genti,  
che Dio ancor ne lodo e ne ringrazio. 60

Tutti gridavano: “A Filippo Argenti!”;  
e ’l fiorentino spirito bizzarro  
in sé medesimo si volvea co’ denti.<sup>5</sup> 63

Que os Adimari interferiram na vida de Dante fica claro também no último parágrafo da primeira novela aqui traduzida, na qual Sacchetti afirma que “o principal motivo” do exílio do poeta havia sido a briga entre ele e um membro da família Adimari, argumento, no entanto, que não encontra respaldo em outros biografistas. Já Boccaccio, na *Vida de Dante*, narra que o florentino foi expulso da cidade por razões de ordem política, o que é comprovado, diga-se de passagem, por documentos da época, num dos quais, curiosamente, constariam as únicas duas palavras escritas pelo punho do próprio autor que chegaram até nós: sua assinatura.

Na presente tradução buscou-se manter a sintaxe sacchettiiana; assim, o leitor poderá estranhar a aparente facilidade com que o autor muda o tempo da narrativa, que se apresenta às vezes no pretérito perfeito, outras no presente, em ambos os casos no modo indicativo; esta alternância constante é um dos elementos que tornam a sintaxe de Sacchetti movimentada, expondo, deste modo, o caráter realístico da ação narrada por meio desta dinâmica. Outro elemento demarcador desta movimentação é o uso abundante da conjunção aditiva “e” e de gerúndios, que são, nas palavras de Segre, “como as cerejas, que uma puxa outra, e não se sabe

---

5 Inf., VIII 52-63 (p. 133-135): “E eu: ‘Mestre, me dá muita vontade / de ver aqui atolado esse sujeito / antes que acabe o lago da maldade’. // E ele a mim: ‘Não demora que teu pleito / se cumpra antes do fim do limo espesso: / ver convém teu desejo satisfeito’. // Pouco depois eu vi com certo apreço / o mal que dele fez a imunda gente, / e a Deus ainda louvo e agradeço. // Todos gritavam: ‘No Filippo Argenti!’; / e o florentino, esprito irado e falho, / a si mesmo atacava com o dente”.

aonde isto acabará” (SEGRE, 1976, p. 327); com efeito, parece que o leitor chega a sentir falta de ar com tantos gerúndios que não dificultam as pausas.

A edição usada para a tradução das duas novelas é: Franco Sacchetti. *Il trecentonovelle*. Organização de Davide Puccini. Turim: UTET, 2008.

## 1. Novela CXIV

[1] *Dante Allighieri mostra a um ferreiro e a um arrieiro o erro deles, porque com inéditas palavras da língua vulgar cantavam seu livro.*

[2] O excelentíssimo poeta em língua vulgar, cuja fama será perpétua, Dante Allighieri, florentino, era vizinho em Florença da família dos Adimari; e tendo acontecido que um jovem cavaleiro daquela família, por não sei que delito, estava com problemas e seria condenado por ordem da justiça por um executor, o qual parecia ter amizade com o dito Dante, foi pelo dito cavaleiro rogado que rogasse ao executor de modo a interceder por ele. Dante disse que o faria, e com prazer.

[3] Após ter comido, sai de casa pra ir fazer o negócio; e passando pela porta San Piero, batendo ferro um ferreiro sobre a bigorna, cantava o Dante como se canta uma canção e embaralhava os seus versos, cortando alguns e acrescentando outros, que parecia a Dante receber daquilo grandíssima ofensa. Não diz nada, mas se aproxima da oficina do ferreiro, no lugar em que tinha muitos ferros com que fazia sua arte; pega Dante o martelo e o joga na rua, pega as tenazes e as joga na rua, pega as balanças e joga na rua, e assim jogou muitas ferramentas.

[4] O ferreiro, voltando-se com um ato bestial, diz: – Que diabo está fazendo? O senhor ficou louco? Diz Dante: – Ah, e você, o que tá fazendo? – Faço a minha arte – diz o ferreiro –, e o senhor estraga os meus apetrechos jogando na rua. – Diz Dante: – Se você não quer que eu estrague suas coisas, não estrague as minhas. – Disse o ferreiro: – E o que estraguei do senhor? – Disse Dante: – Você canta o livro mas não diz como eu o fiz; eu não tenho outra arte e você a estraga.

[5] O ferreiro, furioso, não sabendo responder, recolhe as coisas e volta à labuta; e se quis cantar, cantou sobre Tristão e Lancelote e deixou de lado o Dante; e Dante foi ao executor, pra onde tinha sido enviado.

[6] E chegando ao executor e ponderando que o cavaleiro dos Adimari que lhe tinha rogado era um jovem altivo e pouco cortês quando andava pela cidade, e especialmente a cavalo, que ia com as pernas tão abertas que ocupava a rua, se não fosse muito larga, que quem passava tinha que lustrar as pontas de seus sapatos (e Dante, que tudo via, nunca tinha gostado de tal comportamento), diz Dante ao executor: – Vossa excelência tem diante de vossa Corte o tal cavaleiro por tal delito; eu peço intercessão por ele a Vossa excelência, embora ele tenha modos tais que mereceria pena maior; e eu creio que usurpar o da comuna é grandíssimo delito –.

[7] Dante não falou às paredes, pois o executor perguntou o que era aquilo que da comuna ele usurpava. Dante respondeu: – Quando cavalga pela cidade, ele vai com as pernas tão abertas

na sela, que quem o encontra deve voltar para trás, e não pode continuar seu caminho –. Disse o executor: – E isso lhe parece uma brincadeira? Este é delito maior que o outro – Disse Dante: [8] – Pois bem, sou seu vizinho, peço intercessão por ele a Vossa excelência –. E volta para casa, onde o cavaleiro lhe perguntou como andava o caso. Dante disse: – Ele me respondeu bem –. [9] Passaram-se alguns dias, e o cavaleiro é chamado pra ir se defender da acusação. Ele comparece, e, após lhe terem lido a primeira, o juiz ordena que lhe leiam a segunda sobre seu cavalgar tão amplamente. O cavaleiro, ouvindo as penas dobradas, diz consigo mesmo: – Muito ganhei, pois acreditava que com a vinda de Dante seria absolvido, mas sou condenado duplamente –.

[10] Defendido das acusações que recebeu, volta para casa e, encontrando Dante, diz: – Boto fê, que bom serviço você me fez, que o executor queria me condenar por uma coisa, antes que você fosse lá; depois que foi, quer me condenar por duas –. E, muito irado com Dante, disse: – Se eu for condenado, tenho o bastante pra pagar, e quando for possível vou recompensar quem foi a causa disso –.

[11] Disse Dante: – Tanto intercedi por você que, se fosse meu filho, mais não se poderia fazer; se o executor fez outra coisa, eu não sou o motivo –.

[12] O cavaleiro, balançando a cabeça, foi para casa. Daí a poucos dias foi condenado a pagar mil libras pelo primeiro delito, e outras mil pelo cavalgar amplo; o que jamais pôde engolir, nem ele nem toda a casa dos Adimari.

E por isso, sendo o principal motivo, em pouco tempo foi expulso de Florença como Guelfo Branco e depois morreu no exílio, não sem vergonha de sua comuna, na cidade de Ravena.

## 2. Novela CXV

[1] *Dante Allighieri, ouvindo um arriero cantar seu livro e dizer “arre”, bate nele dizendo: – Eu não coloquei isso –; e o resto como diz a novela.*

[2] A novela passada ainda me impele a dizer uma outra sobre o dito poeta, a qual é breve, e é bela. [3] Caminhando um dia o dito Dante por seu deleite em alguma parte da cidade de Florença, e usando o gorjal e o braçal, como então era costume, encontrou um arriero, o qual tinha um monte de lixo na sua frente; esse arriero ia atrás dos asnos, cantando o livro de Dante, e quando tinha cantado um pedaço, tocava o asno, e dizia: – Arre –.

[4] Dante, ao encontrar com ele, com o braçal lhe deu uma grande porrada nos ombros, dizendo: – Eu não coloquei esse *arre* –. Ele não sabia que era Dante, nem por que lhe havia batido; mas toca os asnos forte, e continua: – Arre, arre –.

[5] Após se afastar um pouco, volta-se para Dante, mostrando-lhe a língua e fazendo figas com a mão, dizendo: – Toma! – Dante, vendo-o, diz: – Eu não te daria uma das minhas por cem das tuas –.

[6] Oh doces palavras cheias de filosofia! Pois muitos são os que teriam corrido atrás do arriero, gritando cheio de raiva; ainda outros tais que teriam jogado pedras; e o sábio poeta

confundiu o arrieiro, recebendo louvor de todos que ali perto tivessem ouvido palavras tão sábias, que lançou contra um homem tão vil como foi aquele arrieiro.

### 3. Novella CXIV

[1] *Dante Allighieri fa conoscente uno fabbro e uno asinaio del loro errore, perché con nuovi volgari cantavano il libro suo.*

[2] Lo eccellentissimo poeta volgare, la cui fama in perpetuo non verrà meno, Dante Allighieri fiorentino, era vicino in Firenze alla famiglia degli Adimari; ed essendo apparito caso che un giovane cavaliere di quella famiglia, per non so che delitto, era impacciato, e per esser condannato per ordine di giustizia da uno esecutore, il quale pareva avere amistà col detto Dante, fu dal detto cavaliere pregato che pregasse l'esecutore che gli fosse raccomandato. Dante disse che 'l farebbe volentieri. [3] Quando ebbe desinato, esce di casa, e avviarsi per andare a fare la faccenda, e passando per porta San Piero, battendo ferro uno fabbro su la 'ncudine, cantava il Dante come si canta uno cantare, e tramestava i versi suoi, smozzicando e appiccando, che pareva a Dante ricever di quello grandissima ingiuria. Non dice altro, se non che s'accosta alla bottega del fabbro, là dove avea di molti ferri con che faceva l'arte; piglia Dante il martello e gettalo per la via, piglia le tanaglie e getta per la via, piglia le bilance e getta per la via, e così gittò molti ferramenti. [4] Il fabbro, voltosi con uno atto bestiale, dice: – Che diavol fate voi? sete voi impazzato? – Dice Dante: – O tu che fai? –

– Fo l'arte mia, – dice il fabbro, – e voi guastate le mie masserizie, gittandole per la via –.

Dice Dante: – Se tu non vuoi che io guasti le cose tue, non guastare le mie –.

Disse il fabbro: – O che vi guast'io? –

Disse Dante: – Tu canti il libro e non lo di' com'io lo feci; io non ho altr'arte, e tu me la guasti –.

[5] Il fabbro, gonfiato, non sapendo rispondere, raccoglie le cose e torna al suo lavoro; e se volle cantare, cantò di Tristano e di Lancelotto e lasciò stare il Dante; e Dante n'andò all'esecutore, com'era inviato. [6] E giugnendo all'esecutore, e considerando che 'l cavaliere degli Adimari che l'avea pregato, era un giovane altiero e poco grazioso quando andava per la città, e specialmente a cavallo, che andava sí con le gambe aperte che tenea la via, se non era molto larga, che chi passava convenia gli forbisse le punte delle scarpette (e a Dante che tutto vedea, sempre gli erano dispiaciuti così fatti portamenti), dice Dante allo esecutore: – Voi avete dinanzi alla vostra Corte il tale cavaliere per lo tale delitto; io ve lo raccomando, come che egli tiene modi sì fatti che meriterebbe maggior pena; e io mi credo che usurpar quello del Comune è grandissimo delitto –.

[7] Dante non lo disse a sordo; però che l'esecutore domandò che cosa era quella del Comune che usurpava. Dante rispose: – Quando cavalca per la città, e' va sì con le gambe aperte a cavallo, che chi lo scontra conviene che si torni adrieto, e non puote andare a suo viaggio –.

Disse l'essecutore: – E parciti questo una beffa? egli è maggior delitto che l'altro –.

Disse Dante: [8] – Or ecco, io sono suo vicino, io ve lo raccomando –.

E tornasi a casa, là dove dal cavaliere fu domandato come il fatto stava.

Dante disse: – E' m'ha risposto bene –.

[9] Stando alcun dì, e 'l cavaliere è richiesto che si vada a scusare dell'inquisizioni.

Egli comparisce, ed essendogli letta la prima, e 'l giudice gli fa leggere la seconda del suo calcare così

largamente. Il cavaliere, sentendosi raddoppiare le pene, dice fra sé stesso: – Ben ho guadagnato, che dove per la venuta di Dante credea esser prosciolto, e io sarò condannato doppiamente –.

[10] Scusato, accusato, che si fu, tornasi a casa, e trovando Dante, dice: – In buona fé, tu m'hai ben servito, che l'essecutore mi volea condannare d'una cosa, innanzi che tu v'andassi; dappoi che tu v'andasti, mi vuole condannare di due –.

E molto adirato verso Dante disse: – Se mi condannerà, io sono sofficiente a pagare, e quando che sia ne meriterò chi me n'è cagione –.

[11] Disse Dante: – Io vi ho raccomandato tanto, che se fuste mio figliuolo più non si potrebbe fare; se lo essecutore facesse altro, io non ne sono cagione –.

[12] Il cavaliere, crollando la testa, s'andò a casa. Da ivi a pochi dì fu condannato in lire mille per lo primo delitto, e in altre mille per lo cavalcare largo; onde mai non lo poté gozzare né egli, né tutta la casa degli Adimari.

E per questo, essendo la principal cagione, da ivi a poco tempo fu per Bianco cacciato di Firenze, e poi morì in essilio, non senza vergogna del suo Comune, nella città di Ravenna.

#### 4. Novela CXV

[1] *Dante Allighieri, sentendo uno asinaio cantare il libro suo, e dire: arri, il percosse dicendo: – Cotesto non vi miss'io –; e lo rimanente come dice la novella.*

[2] Ancora questa novella passata mi pigne a doverne dire un'altra del detto poeta, la quale è breve, ed è bella. [3] Andandosi un dì il detto Dante per suo diporto in alcuna parte per la città di Firenze, e portando la gorgiera e la bracciaiuola, come allora si faceva per usanza, scontrò uno asinaio, il quale avea certe some di spazzatura innanzi; il quale asinaio andava drieto agli asini, cantando il libro di Dante, e quando avea cantato un pezzo, toccava l'asino, e diceva: – Arri –.

[4] Scontrandosi Dante in costui, con la bracciaiuola li diede una grande batacchiata su le spalle, dicendo: – Cotesto *arri* non vi miss'io –.

Colui non sapea né chi si fosse Dante, né per quello che gli desse; se non che tocca gli asini forte, e pur: – Arri, arri –.

[5] Quando fu un poco dilungato, si volge a Dante, cavandoli la lingua, e facendoli con la mano la fica, dicendo: – Togli –.

Dante, veduto costui, dice: – Io non ti darei una delle mie per cento delle tue –.

[6] O dolci parole piene di filosofia! che sono molti che sarebbero corsi dietro all'asinaio, e gridando e nabissando ancora tali che averebbero gittate le pietre; e 'l savio poeta confuse l'asinaio, avendo commendazione da qualunque intorno l'avea udito, con così savia parola, la quale gittò contro a un sì vile uomo come fu quell'asinaio.

## Referências

ALIGHIERI, D. *Comédia: Inferno*. Trad. Emanuel França de Brito, Maurício Santana Dias e Pedro Falleiros Heise. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

BOCCACCIO, G. *Vida de Dante*. Trad. Pedro Falleiros Heise. São Paulo: Penguin-Companhia das Letras, 2021.

BRIOSCHI, F. e DI GIROLAMO, C. *Manuale di letteratura italiana: storia per generi e problemi*. Turim: Bollati Boringhieri, 2002.

INGLESE, G. e CARRAI, S. *La letteratura italiana del medioevo*. Roma: Carocci, 2006.

CONTINI, G. *Letteratura italiana delle origini*. Milão: Sansoni, 2006.

PAZZAGLIA, M. *Letteratura italiana: testi e critica con lineamenti di storia letteraria*. Bolonha: Zanichelli, 1979.

SACCHETTI, F. *Il trecentonovelle*. Org. D. Puccini. Turim: UTET, 2008.

\_\_\_\_\_. *Il libro delle rime*. Org. A. Chiari. Bari: Laterza, 1936.

\_\_\_\_\_. *Tales from Sacchetti*. Trad. Mary G. Steegmann. Londres, J. M. Dent & Co., 1908.

SALINARI, C. e RICCI, C. *Storia della letteratura italiana (dalle origini al quattrocento)*. Roma-Bari: Laterza, 1994.

SEGRE, C. *Lingua, stile e società*. Milão: Feltrinelli, 1976.

VILLANI, G., "Del poeta Dante e come morì", in SOLERTI, A. *Le vite di Dante, del*

*Petrarca e del Boccaccio, scritte fino al secolo decimosettimo*. Milão: Francesco Vallardi, 1904.